



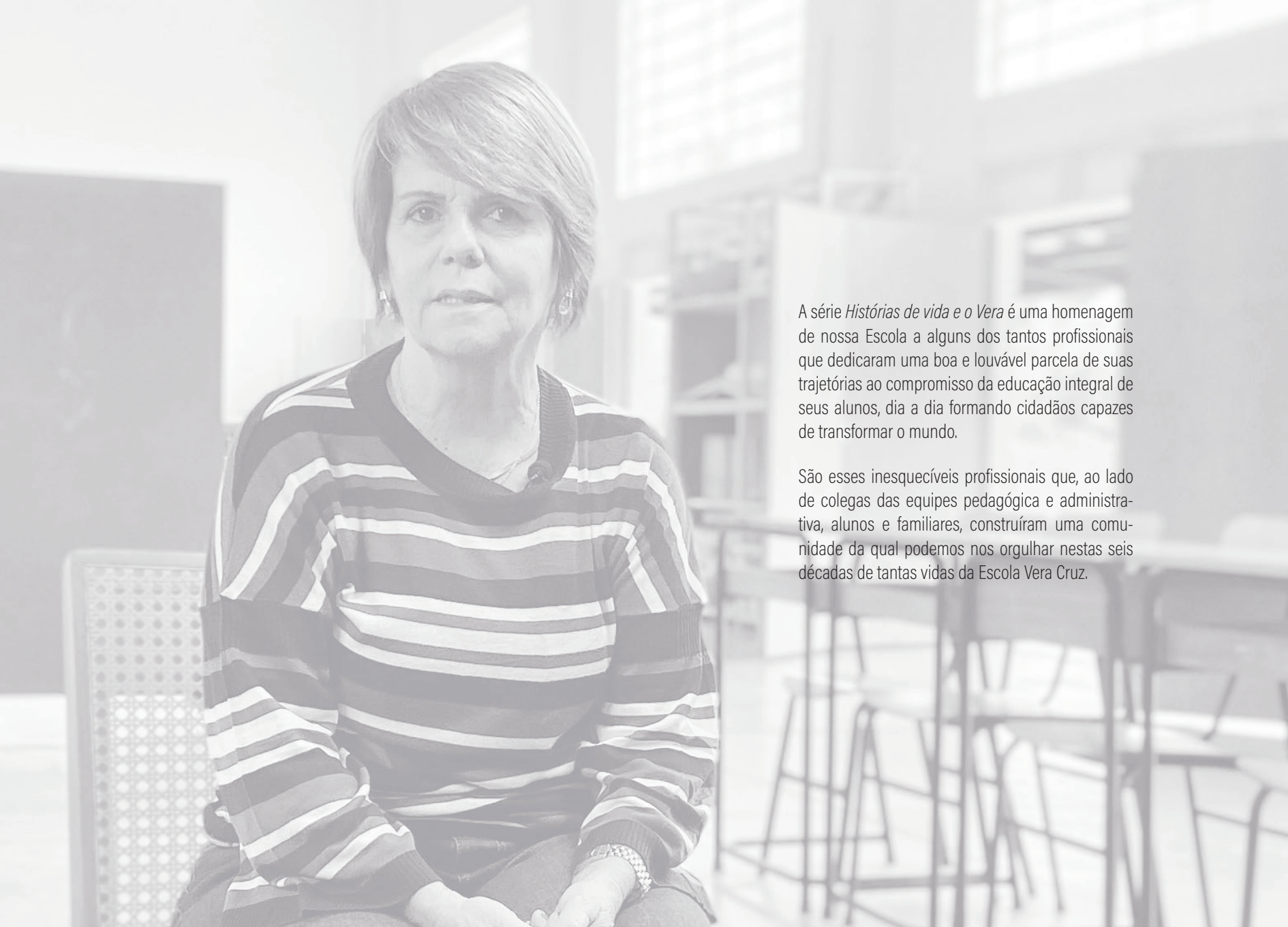
## Histórias de vida e o Vera

# A palavra é: encanto



**Kátia Santos Frazão**

Professora (5º ano)



A série *Histórias de vida e o Vera* é uma homenagem de nossa Escola a alguns dos tantos profissionais que dedicaram uma boa e louvável parcela de suas trajetórias ao compromisso da educação integral de seus alunos, dia a dia formando cidadãos capazes de transformar o mundo.

São esses inesquecíveis profissionais que, ao lado de colegas das equipes pedagógica e administrativa, alunos e familiares, construíram uma comunidade da qual podemos nos orgulhar nestas seis décadas de tantas vidas da Escola Vera Cruz.

## **Escola Vera Cruz**

Direção Geral: **Heitor Fecarotta**

Direção de Gestão: **Marcelo Chulam**

Direção Pedagógica: **Regina Scarpa**

## **Histórias de Vida e o Vera**

Coordenação, entrevistas e edição de textos:

**Claudia Cavalcanti (Casa Vera Cruz)**

Projeto gráfico: **Kiki Millan (Casa Vera Cruz)**

Revisão: **Iara Arakaki (Casa Vera Cruz)**

Pesquisa de imagens/Acervo Vera Cruz:

**Alexandre Leite (Biblioteca Geral)**

Apoio: **Araceli de Carvalho (Casa Vera Cruz)**

e equipe de Recursos Humanos

Kátia começou a trabalhar no Vera em 1977.



Coordenação da produção documental:

**Suzana Lopes Salgado Ribeiro (Fala Escrita)**

Transcritoras: **Ana Claudia Moreira Rodrigues, Luciana Gomes de Oliveira, Marcela Boni e Suzana Lopes Salgado Ribeiro**

Captação de vídeo: **André Nascimento e Luís Guilherme Lima**

Roteiro e edição de vídeos: **Fernando Brook, Iokisa Takau Junior e Suzana Lopes Salgado Ribeiro**

A captação em vídeo e áudio de todos os depoimentos foi feita na Unidade Vila Ipojuca da Escola Vera Cruz, em abril e maio de 2023.

## A mosquinha da educação

Cheguei no Vera muito menina. Estava no 1º ano de uma faculdade de turismo e tinha uma amiga que trabalhava no Vera e fazia faculdade comigo. Comecei a trabalhar numa empresa. Ela chegou lá, de férias, toda queimada, e eu lá... Na época, tinha fax, tinha um monte de coisa, uma empresa multinacional, e ela falou: "Kátia, você não serve pra isso. Vamos viajar, vamos sair de férias." Falei: "Não, mas eu não tenho férias como você tem, duas vezes por ano". Naquela época, as férias eram até maiores. "Vou indicar seu nome pra você fazer um estágio lá". No fim, fui conversar. Era a Wilma [Gasparini Araujo Costa], coordenadora [do Fundamental, nível 2]. Ela gostou muito de mim, e já comecei como auxiliar no ano seguinte. Fiquei quatro meses como auxiliar, uma professora ficou doente, em seguida, eu já peguei uma classe. A minha vida toda é como professora polivalente. Comecei com o 4º ano, que seria na época 5ª série.

Mas, antes disso, vim para São Paulo, eu sou mineira de Poços de Caldas. Na época, todo mundo saía da cidade para estudar, e todas as amigas de infância vieram para São Paulo. Somos as melhores amigas até hoje. Cada uma foi para uma área, e eu comecei a fazer faculdade de turismo. Gostei, terminei a faculdade, mas entrei logo para pedagogia. Sobrou isso: uma meni-

na que veio morar num pensionato, em São Paulo. Sobra uma vida em Minas, de brincar na rua, de outro tipo de vida, uma adolescência cheia de amigos e amigas, de festas de escola muito legais, de uma cidade muito acolhedora, sem medo, sem violência. Vim para São Paulo começar uma vida e, logo em seguida, comecei a trabalhar, a me sustentar, e meu pai já me deu um carro. “Ó, agora você vai cuidar da sua vida”. Fui.

Então, minha vida profissional virou o Vera. Sou psicopedagoga, cheguei a ficar com o consultório muito tempo, mas não dei conta do Vera e do consultório, estava mais pagando do que atendendo. Isso foi antes da pandemia. Então, foquei mais. Tenho um plano de voltar, mas, por enquanto, não. Este ano, ainda não.

Quando comecei no Vera, lembro que, na primeira reunião, levei um susto, porque eu estava numa empresa que eu tinha que ir de salto, de terninho, de vestido, de meia de náilon, e cheguei no Vera, todo mundo muito à vontade, sentava todo mundo no chão. Levei um tempo para me adaptar.

Wilma me contratou, e fiquei como auxiliar com duas classes. Uma era a professora Deise, que eu, de vez em quando, vejo no Instagram, eu morro de saudade, uma mestra para mim. E outra era Solange, que ficou doente e saiu. E, em agosto, eu assumi

uma classe. Acho que foi meteórico, porque hoje as pessoas esperam muito tempo para assumir uma classe. Eu estava no lugar certo, na hora certa. Quando eu me vi diante de uma classe só comigo, a mosquinha da educação me mordeu.

## O encanto da sala de aula

Tenho uma história com o Vera, de muitas mudanças. A gente vinha de muitas reuniões com assessores de cada área, porque a professora polivalente toma conta de quatro áreas — Língua Portuguesa, Matemática, Ciências da Natureza e Ciências Humanas —, e a gente sempre tinha reunião com os assessores de cada área. O Vera sempre se destacou como uma escola que faz uma formação de professores de excelência. Esse foi o grande cartão-postal do Vera, essa formação de professores. Acho que isso me encantou profundamente. Mesmo eu não sabendo nada, eu era formada constantemente; toda semana tinha reunião com pessoas muito sabidas, muito atentas nas áreas delas e no mundo da educação. Eu ia para a faculdade ainda porque não quis desistir do turismo. Ainda bem, porque eu adoro viajar, então também usei um pouco disso. Mas eu ia para a faculdade, levava o *Gruema*, livro de matemática que Lucília [Bechara, fundadora] escreveu. A Matemática era, para mim, o mais difícil de aprender. “Meu Deus, como eu vou dar

aula de Matemática?” Esses meninos, essas meninas tão sabidas que já vêm do Verinha sabendo outro tipo de pensamento matemático, de cálculo mental...

Então, eu ia para a faculdade, ficava fazendo o livro inteiro e pedia ajuda para todo mundo. O dia de dar aula de Matemática era um evento. Sim, me lembro de todas as professoras dizendo: “Ai, hoje eu vou dar aula de Matemática”. Então, a Matemática era a porta de entrada do Vera. O quanto eu tenho de admiração por Lucília, porque a Matemática ainda hoje é a área pela qual eu tenho maior paixão, meu olho brilha. Devo isso a Lucília, eu bebia daquela fonte, me encantava com ela. Lucília me marcou muito como profissional. “É isso que eu quero fazer, é disso que eu gosto”. Fui professora de dois filhos dela, e o nosso vínculo foi ficando um vínculo de amigas.

Outra pessoa que me marcou muito também foi Ana Caleiro, que me ensinou muito a como ser uma professora em sala de aula, como olhar para o aluno, como observar o aluno, como tirar dele toda a potência que ele tem. Então, tenho essas duas grandes marcas dessas pessoas que me ajudaram muito.

Ontem, uma professora que acabou de entrar, virou e falou: “Eu não quero sala de aula tanto tempo como você”. A sala de

aula me encanta profundamente! Nenhum dia é igual ao outro, eu não consigo contar o que acontece na sala de aula. Por exemplo, depois de três meses de trabalho [após o início do ano letivo], o vínculo é tão profundo, que eu não consigo nem reportar para os pais tudo que acontece em um dia. É como se a gente fosse um time cheio de combinados, cheio de gratidão pela aprendizagem, pelo que o aluno me ensina, pelo que eu ensino para ele.

A sala de aula é muito rica. Nunca me vi fazendo Orientação, porque eu gosto é da sala de aula e do trabalho com criança. Por isso, fiz psicopedagogia, gosto de acompanhar, e acho que o Vera me proporciona uma coisa que é encantadora. Principalmente nos últimos anos, o Vera tem me proporcionado muita autonomia. Então, faço planejamento, o que é muito difícil, porque a gente não tem mais assessores, agora temos consultores. Somos professores pesquisadores o tempo todo. Às vezes, me sinto solitária, porque eu também tenho auxiliares muito jovens chegando, estagiários muito jovens que dependem muito da minha formação. Então, tenho um trabalho muito denso em casa. Não posso me dar ao luxo de, no domingo, não começar a pensar na minha semana. Tenho que planejar quatro áreas. Venho de um momento que tinha TP [Trabalho Pessoal], que

requer atividades, duas, quatro, cinco, no mínimo, oito por semana. Lição de casa, no 5º ano, a gente dá duas por dia, por área. Não tem como quem está chegando criar tanta atividade. Então, temos um acervo muito importante na Escola. Hoje, não é só ele, mas ele é muito importante. Eu não vivo sem um monte de coisas que acabei revisando, que eu gosto, que sei que importam, que são importantes para o aluno. Se foi bom para mim, vamos socializar. O digital ajudou muito, a gente tem um *SharePoint*, por exemplo. Sou vidrada, antenada com notícia, posto muito. O ano passado, eu fui a única professora que fez cinco saídas a museus. Gosto muito do [jornal] *Joca*. Então, leio o *Joca* com as crianças, faço muitas atividades, e, para quem não tem tempo, eu vou lá e coloco no *SharePoint*: "Gente, fiz duas, três atividades no *Joca* da semana".

Acho que é importante esse trabalho de equipe, que sempre teve no Vera. Tudo que a gente fala com o aluno, para trabalhar em dupla, em trio, e respeitar a diferença dos outros, nós, adultos, somos muito assim, respeitamos quem está chegando. Me sinto extremamente respeitada na Escola. Com tanto tempo de casa, tenho uma equipe que, desde os estagiários até a minha coordenadora, tem um respeito por mim, e eu por ela, por eles todos. É o que me faz me sentir muito bem.

## Brilho nos olhos

Falei que tenho muita autonomia no planejamento. Olha, quero ir para [unidade da] Vila Ipojuca na sexta-feira. Meus alunos estão sentindo falta de lá. "Débora [Rana, coordenadora], vamos fazer essa logística? Acho que é importante." Então, tenho muita autonomia, sou muito feliz.

Acho que meu olho brilha quando falo na sala de aula, com meus alunos, quando faço uma reunião de pais, porque o dia em que esse olho parar de brilhar assim, vai brilhar em outros países. Além da sala de aula, tem as saídas pedagógicas, o planejamento, e tem uma coisa que eu acho que o professor, principalmente o novo, precisa muito entender. O Vera não é uma escola para você trabalhar das 13h00 às 18h00 ou de manhã. É uma escola em que você precisa estudar muito, saber muito sobre o que acontece, porque são alunos muito antenados, famílias muito argumentativas, e a gente, no mínimo, tem que ter esse respeito por esses alunos. Vou dar um exemplo: "Quero saber se vocês sabem a última notícia do dia."; "Ah, o Cuca do Corinthians..!"; "Não, não é isso, é quase.". Um aluno quase chegou no que eu queria, que era o verbete do Pelé no dicionário, com letra minúscula. No fim do dia, ele disse: "O 5º D é muito pelé, né? A gente é muito pelé, né?".



## Matemática sem fronteiras

*GeoGebra* é uma ferramenta que trabalha com geometria. Paula Takada [professora do 5º ano] e eu começamos a criar um planejamento único, com toda a ferramenta *GeoGebra*. Ela fez curso, depois eu fiz curso com ela no Instituto. Ano passado, a gente tinha um horário que foi facilitador. Ela dava aula para a primeira turma, e eu dava para a segunda. Só que com os meus alunos e com os dela. Paula é uma parceira, uma menina muito sabida, mais nova que eu, chegou há pouco tempo, mas tenho uma admiração, ela é uma referência para mim e tem esse jeito que nem o meu. Em julho, eu estava viajando: "Kátia, tem um congresso interamericano, topa ir?". Eu falei: "Topo".

Fizemos a inscrição sem saber nada e, de repente, quando a gente foi apresentar, eram só professores de Ensino Médio e nós duas do Fundamental. A gente mostrou uma sequência de atividades que fez em sala de aula, com cubos geométricos, com palitos fazendo triângulos. A gente deu um passo fora do Vera. Mostrou que não tem isso, que o *GeoGebra* não é uma ferramenta que só se usa nos últimos anos do Fundamental e no Ensino Médio. A coordenadora do grupo fez um comentário muito interessante: "Nossa! O Vera Cruz é uma escola realmente inovadora! Nunca imaginei que fosse possível trabalhar com

*GeoGebra* no 5º ano, e vocês estão me trazendo essa diferença". Então, 2022 foi um ano fantástico, de levar o Vera Cruz para fora dos muros da escola com o *GeoGebra*. A Matemática criou um novo momento.

Sou da época em que a Matemática era a porta de entrada para a Escola. Nossos alunos fizeram pela primeira vez a Olimpíada Sem Fronteiras, as Olimpíadas Canguru. Começamos a ver que é possível, sim; a gente se prepara para um momento desses. Meus alunos ficaram duas horas respondendo a uma atividade que muitos adultos não respondem, porque são enunciados muito difíceis, e é encantador ver os alunos ficarem lendo aquele enunciado que muitos adultos não conseguem resolver. Estou muito feliz porque estou vendo a Matemática voltando para esse lugar de excelência.

## Outro jeito de ver o Brasil

Ano passado fiz um trabalho do qual fiquei muito orgulhosa, com [o artista plástico] Dalton Paula. Foi um trabalho que fiz para o final do ano, na Mostra. Escrevi para o Dalton, para [a historiadora] Lilia Schwarcz, para todo mundo. Fiquei encantada e levei os alunos ao Masp e vi quanta potência a gente pode tirar de um aluno de dez anos olhando para uma obra em um



museu que faz parte da cidade dele, com esse outro olhar. A obra de Dalton veio ao encontro de nosso currículo antirracista. Dalton deu vida e voz para aquelas pessoas que nunca tinham tido nem a imagem. Isso foi muito forte para meus alunos. Até então, a gente falava de não ter voz, do momento muito triste da escravização. A partir da obra dele, pude abrir um olhar mais bonito para esse momento.

Acho que eu não poderia fazer isso se não fosse numa escola que tivesse um currículo antirracista, e se eu não estivesse tão empolgada com esse currículo. Logo que a gente começou a trabalhar, fui fazer o curso<sup>1</sup> da Kati [Nascimento] e da Silvane [Silva], que fecharam um buraco que eu sempre tive na minha escolaridade. Sou de uma geração em que bandeirante é bonzinho. O novo currículo está me dando muita margem para estudar os buracos que eu tinha como aluna, como pessoa, e, hoje, estou podendo mudar esse olhar. E estou falando do lugar de uma mulher, professora, branca, privilegiada. Sou uma pessoa privilegiada que está trabalhando com um currículo antirracista, que está tendo muito prazer de trabalhar com uma diversidade muito grande. Hoje, eu vejo o Vera — e isso é muito

---

1. Trata-se do curso Educação Antirracista: princípios, desafios e possibilidades no contexto escolar, do Instituto Vera Cruz.

importante — e olho para minha equipe, ela é diversa, olho para as crianças, elas são diversas; isso é o grande diferencial da Escola. Ela sempre foi muito contemporânea. Ano passado, quando eu estava revendo a história do Vera para contar aos alunos, vi que Yolanda [Vidigal Meyer, fundadora] quis criar uma escola durante a ditadura para os filhos dela, era muito contemporânea. E que coragem! Mostrei para os alunos de 3º, 4º e 5º ano a coragem dessas mulheres de montarem uma escola como o Vera. E acho que o que é diferente na Escola ainda hoje é essa coragem de bancar o currículo em que a gente acredita, bancar o trabalho em que a gente acredita, porque não é fácil.

A gente encontra quem diz: “Mas, ah, a outra escola da zona Oeste é bilíngue, é trilingue, é integral...” Mas há famílias que ainda querem essa coragem de um currículo muito contemporâneo, muito humanista. E Regina Scarpa [diretora pedagógica] faz muito para que a gente aconteça.

Agora fui para o Grupo Guardião. Sobrou um tempo, e a Débora me convidou. O Grupo Guardião é composto pelas pessoas que cuidam do projeto da educação antirracista. São profissionais da Escola e pais. Agora, nós estamos num momento de reuniões mensais em subgrupos, para olhar esse currículo, as políticas, os projetos pedagógicos. A gente tem muito trabalho

para fazer com esse novo currículo. Muitas pessoas falam da pouca transparência do nosso currículo. Mas o que acontece na minha sala de aula, mesmo que eu faça uma documentação pedagógica clara todo dia, não conseguirei passar a riqueza de tudo que eles falam, porque eu não gravo tudo. É preciso você assumir que é essa a escola que você quer. Se ela é transparente ou não. Mas é uma escola que escuta os profissionais, as famílias, é uma escola que acolhe.

Um exemplo do 5º ano: ano passado, fiz um trabalho; a maioria das famílias da minha classe era de descendência europeia. Eu não tinha nenhum negro na sala, como eu também não tenho este ano. Poucos eram da América. A maioria era europeia. Então, a gente está trabalhando com os biomas. É um trabalho árduo ouvir todas as notícias dos biomas e das comunidades tradicionais. Este ano, o 5º ano está muito ligado no trabalho de geografia. Vamos conhecer esse Brasil, quais são esses biomas, o que está acontecendo com esses biomas, quais são as políticas públicas em relação aos biomas e quais são as comunidades. Cada classe escolheu uma comunidade, e fui estudar os pomeranos, nos Pampas. E os pomeranos são uma comunidade tradicional que não tem negros. Então, tenho que fazer esse link com os quilombolas, dá muito trabalho, mas é isso que me encanta estudar.

É muito novo para mim tudo isso, e [a assessora] Kati Nascimento é uma sabida, faz um trabalho lindo no Vale do Ribeira. O encantamento do 5º ano é que você pode trabalhar esse tipo de conteúdo.

## Há males que...

Uma coisa na minha vida profissional que eu achei que ia me desestruturar foi a pandemia. Ficar na tela, aprender aquilo de um dia para o outro — afinal, não sou tão jovem, não sou nativa digital, mas descobri um mundo fantástico. Fui atrás. Me dei muito bem com aula online. Claro que não é a mesma coisa de você estar ao vivo com todos, mas não tive essa dificuldade toda de lidar com as ferramentas. E essas ferramentas vieram para me ajudar hoje. Trabalho o *Padlet* com eles, o *Sway*. Monto minha reunião de pais sozinha. Não faria isso antes da pandemia. Sempre escolhia o *PowerPoint*, hoje posso escolher uma série de ferramentas de apresentação, de acordo com o grupo que tenho. Então, o digital me trouxe essa curiosidade, e essa curiosidade me levou a muitas novidades. Estou aí querendo aprender cada vez mais, não fiquei paralisada.

Na verdade, foi um susto quando a gente foi para casa, de um dia para o outro. Como sou muito otimista, falava: “Não, gente,

não precisa levar todo o material, a gente volta na semana que vem". E foi um susto. Mas foi muito mais um susto para minha vida pessoal, porque adoro sair. Adoro ir ao cinema, fazer mil coisas. E olhar pela janela de minha casa, na Vila Leopoldina, e ver aquilo tudo parado...

Mas, na hora em que eu entrava na tela, fui procurando formas de atrair os alunos. Via muitas crianças deprimidas, muitas crianças que não entravam na tela. Aí, fui descobrindo formas de saber quem não estava mais ali. Era a última a sair e via quem ainda ficava. Então, chamava individualmente. Fui criando combinados. Criei um diário virtual. Todo dia, eu fotografava minha rua parada, aquele Sesi vazio, sem atletas... E fui escrevendo e fui mostrando para eles, a partir da minha história, o que estava me fazendo falta e como é que eu poderia suprir.

la dando dicas culturais para eles, que poderiam ser aproveitadas na casa da gente. Mesmo assim, descobri que na sexta-feira precisava criar uma coisa nova para que todo mundo não ficasse tão entediado depois de cinco dias. Comecei a fazer uns *happy hours*: cada semana, um tema. Todo mundo vai trazer seu *pet* para mostrar. Todo mundo vai cozinhar. Então, tinha hora que uma aluna cozinhava e mostrava a pipoca, o bolo. E a gente comia junto. Fui vendo que aquilo estava muito legal. Foi

assim que eu fui ganhando a turma. Falando assim, parece que foi fácil, mas eu tinha uma classe muito alegre, que topava tudo.

[No começo da pandemia,] a gente não tinha tido nenhuma reunião de pais, eu não conhecia os nomes das famílias, porque foi dia 18 de março. Você está criando vínculos. Sabe aquele carro que a gente tem, que ama muito, mas tá velho, você precisa trocar e precisa mudar a marcha, ou então é automático? Tem muito isso: tem o amor dos alunos pelos professores anteriores e tem você chegando. E a professora do 5º ano tem muito conteúdo, é mais exigente, no 6º vamos remanejar alguns alunos... Você precisa criar esse vínculo, nesse mês, que é quando você faz esse diagnóstico, sondagens, mas tem que criar um vínculo; muitas vezes, você tem que criar mais o vínculo com as famílias do que com as crianças, porque: "Ah, mas a minha professora anterior...", mas na semana seguinte eles já esqueceram, eles já se jogam. Já conquistar as famílias não é tão fácil.

Uma das coisas que mudou é que, agora, a gente atende muitas famílias que buscam os alunos na porta da sala. Isso foi fantástico. A gente até começou por causa do espaço, de não entrar todo mundo junto, mas foi fantástico. A gente conversa, se atualiza. Quando a gente já vai para uma reunião coletiva,

a gente já se conhece, está muito mais à vontade, não fica aquela tensão de antes.

A pandemia foi um susto. Muitas famílias não tinham nem os computadores para todo mundo, porque todos foram para casa. “Por que você não entrou ontem?”; “Porque meu pai está trabalhando no computador”. Aí, você tem que falar: “Meu Deus, estou pensando que eu estou falando com uma clientela que tem computador em casa para todo mundo. Kátia, quebra isso”. Tudo isso teve que ser adaptado, e a gente começou a ver que havia muitas famílias assistindo a nossas aulas, e nem sempre era bom, nem sempre era ruim. A gente também tinha que conquistar aquele outro aluno que estava ali ouvindo. Aquilo me deixava muito angustiada. No começo, entrava o pai e falava: “Mas por que a Microsoft? Na minha casa, é tudo Apple”, no meio de todo mundo. Foi um exercício de muita paciência.

## Formando o futuro

Quando falo em mudança, estou dizendo que eles precisam acordar e querer trabalhar no Brasil, e querer fazer uma mudança no país em que eles estão crescendo. Para isso, a gente está trabalhando com desigualdade social, com comunidades

tradicionais, para olhar para o Brasil. Chega de olhar para o copo cheio lá fora e o copo vazio aqui dentro. Acho que o Vera é essa escola forte, e cada aluno ainda é cada aluno, é realmente protagonista. A gente conversa muito com eles sobre o que vai planejar e fazer, e a gente ainda consegue atender essas crianças com dificuldades, com outros tempos, outras condições e sentar ali junto com o estagiário ou com auxiliar, fazer um planejamento diferenciado. Acho que essa é a marca que o Vera nunca vai perder. Eu, como professora antiga, tenho essa responsabilidade de manter aquilo que sempre achei que encanta não só quem chega no Vera para trabalhar, mas quem coloca seu filho e começa a ver. “Ah, mas na outra escola já aprendeu divisão, algoritmo...” E, com o tempo, acaba falando: “Agora entendi por que ele não aprendeu algoritmo ainda”.

Tenho o maior orgulho de me encontrar com ex-alunos que falam: “Kátia foi minha professora do ano tal, você não mudou nada! Você se lembra disso? Daquilo?”. Gosto de acompanhar profissionalmente o que eles postam, o que fazem, o que estão criando. Eu tenho muitos ex-alunos arquitetos, ex-alunos que estão criando escolas. Isso me dá um gás, porque a gente tem certeza de que criou alunos muito atentos, que têm essa função social.

## Kátia Frazão do Mundo

Meio-dia e meia! É rotina. Bate o sinal, eu já subo, espero meus alunos. Quando descobri isso, vi que era um diferencial. Conflitos, eu já resolvia, porque eu já estava na sala. Não posso me dar ao luxo de faltar, pegar um atestado e não ir. Eu quero ir. Não peguei covid. Não pego gripe. Acho que sou uma abençoada. Minha vida não foi fácil. Tive muitas perdas nesse caminho, mas tive um pai que me jogou muito para o mundo. Por mais que ele fosse rígido, me falou: “Você vai pro mundo”. Lidei com as perdas, me lembrando muito do meu pai: “Vai pro mundo!”. Quando eu estava para me casar a primeira vez, ele falou para o meu marido: “Você tem certeza? A Kátia não é uma pessoa fácil de conviver, ela é do mundo”.

Já fiz coisas assim inusitadas, de ir para o Vietnã sozinha, para o Camboja. Eu gosto. Agora, estou muito ligada no Egito, no Marrocos. Gosto muito de viajar e não tenho medo. Se não tenho com quem ir, pego uma agência, uma operadora que conheço, começo a conhecer um grupo novo, faço amizades e vou. Gosto muito. Acho que é um presente que me dou. Quando volto de uma viagem, já estou pensando na próxima; acho que é assim que abro mais meu caminho.

E me dou outros presentes aqui em São Paulo também; a gente precisa desfrutar do que tem aqui. Queria ir mais, mas a gente sai mais tarde agora. Eu tinha aquela fase de sair do Vera e ir para o cinema, duas vezes por semana. Agora, a gente sai de lá seis e meia, porque a carga horária aumentou. Então, nem sempre tenho mais esse pique. Assim, deixo minha vida pessoal mais para o fim de semana.

Tenho amigos morando fora, então quero ter essa experiência de ficar fora um tempo. Estou me preparando para ter essa saúde. Estou encantada com a África nos últimos tempos, também. Penso em fazer formação de professores. Já fiz muito, para a Assessoria Externa. É que a carga horária virou um capítulo à parte. Este ano, estou me dando um tempo para mim, que sou muito exigente comigo, para não chegar da escola e ligar o computador, porque na pandemia o computador ficava ligado direto. Respondia a alunos pelo *Teams*, direto. Comprei altas brigas, porque eu respondia, eu atendia direto de manhã à noite. Eu precisava acolher alguns. Eles estavam num momento muito triste. A gente está vendo tantos adolescentes tão deprimidos, e tudo isso pós-pandemia. Eu falei: “Pô, eu estou aqui na minha casa, vou ficar ouvindo esse *Teams* tocar...” E, até hoje, tenho esse hábito. Falo para os meus alunos:

“Então, tudo bem?”. Mas eles são superbonitinhos agora, só escrevem assim: “Kátia, na lição de casa, tá aqui pra escrever a palavra, mas eu posso fazer um mapa mental?”. Poxa vida! Eu não vou responder a isso? “Mapa mental, claro que pode, fotografe que eu quero ver”. Então, é não desprezar o que a gente aprendeu no digital e que foi bom, e trazer para o ambiente vivo que é a sala de aula. Mas eu tenho muita vontade de fazer formação de professores.

## U m a s i m b i o s e

Ano passado, o Vera fez 59 anos, e a Débora me convidou para contar para os alunos de 3º, 4º e 5º ano, a história da Escola. Como começou até chegar ao Instituto [Vera Cruz]. Fui atrás de arquivo, montei um *PowerPoint*. Apresentei para aquela plateia de crianças que nem conheciam direito o Vera, nem as orientadoras mais novas. Ano passado, vi que tenho essa responsabilidade.

Elas não sabiam que o Vera começou com uma casinha porque a Yolanda [Vidigal Meyer, fundadora] quis — essa história fascinante. E que, depois, foi para a Rua Frei Caneca, e da Frei Caneca foi para a Avenida Brasil. E como é que isso foi sendo pensado? Porque cada projeto foi muito pensado. Me lembro

como foi pensado o Ensino Médio. O Instituto, a Alvilândia. Então, nada vem por acaso. São anos e anos de muito estudo.

As crianças ficaram encantadas de saber isso, que tem um instituto que forma professoras. Esse foi, para mim, o grande marco de 2022. Este e a apresentação do *GeoGebra*. Foi muito bom.

Eu faço parte dessa história. As coisas meio que se confundem. Eu não sei onde acaba a Kátia e onde começa o Vera Cruz. É uma história muito única; a minha família fala: “Você é o Vera Cruz, não veste a camisa, você é a própria escola”. Então, acho que é uma história que começa comigo e que se mistura muito. As minhas memórias vão ter mais tempo da minha vida profissional na Escola do que fora dela. Saio com amigas que moram em outros bairros e sempre encontro alguém, então já sei o que elas vão dizer: “Pronto, Vera Cruz”; “Agora, ela vai ficar falando horas com os pais, se lembrando de quando o filho foi aluno dela...”. Faço parte dessa comunidade, e como toda comunidade, a gente tem que ter rituais. Este aqui é um ritual. E está me dando muito prazer; achei que eu ia ficar muito emocionada, mas estou descobrindo aqui que isto não é uma despedida, é uma homenagem. Estou me sentindo muito homenageada. Muito, muito obrigada.





Uma realização da Escola Vera Cruz | 2023

